



**GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: UMA ANÁLISE DA METAFUNÇÃO
REPRESENTACIONAL EM CHARGES ACERCA DO RACISMO**

**GRAMMAR OF VISUAL DESIGN: AN ANALYSIS OF REPRESENTATIONAL
METAFUNCTION IN CARTOONS ABOUT RACISM**

Débora Brenda Teixeira Silva ¹
José Roberto Alves Barbosa ²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a metafunção representacional em charges que retratam o racismo. À vista disso, destacamos a Gramática do Design Visual (GDV) que se volta para o estudo sistemático e multimodal de estruturas imagéticas. Com relação ao aparato teórico, iniciamos com uma breve discussão sobre o racismo com base em Almeida (2019); para tratar da análise visual, tomamos principalmente as contribuições de Almeida (2009), Kress e van Leeuwen (2006) e Silva e Almeida (2018); acerca do gênero charge, baseamo-nos especialmente em Alves (2016), Bakhtin (2003), Bazerman (2005), Marcuschi (2008) e Swales (1990). Nesse sentido, procedemos uma investigação qualitativa de cinco charges do ilustrador Junião, buscando verificar as estruturas representacionais, os processos narrativos de ação, reação, verbal e mental, os processos conceituais categorizados em classificacional, analítico e simbólico; assim como refletir criticamente sobre as contribuições do gênero charge à luta contra o racismo. Diante dos resultados obtidos, verificamos que a estrutura narrativa se faz presente em todas as charges,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras - Língua Inglesa e respectivas Literaturas pela UERN (2020). Atuou como aluna pesquisadora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC, 2016-2019), participando atualmente como integrante voluntária de grupo de estudo vinculado ao Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL - UERN). E-mail: deborateix94@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É professor e pesquisador do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE/FALA) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atuando também no Mestrado Profissional em Letras UERN/Mossoró e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN) nas áreas de Teorias Linguísticas, Análise de Discurso Crítica e Letramento Crítico Multimodal. E-mail: josealves@uern.br

ao passo que a estrutura conceitual se dá em duas. No que concerne aos processos, identificamos os processos narrativos de ação, reação e verbal; à medida que constatamos somente o processo conceitual classificacional. Isto posto, concluímos que a charge é um gênero de natureza crítica e, no *corpus* pesquisado, aponta e denuncia práticas racistas que estão naturalizadas em nossa sociedade.

Palavras-chave: GDV. Metafunção representacional. Charge. Racismo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representational visual metafunction in cartoons which portray racism. In view of this, Grammar of Visual Design (GVD) is a theory that focuses on the systematic and multimodal study of images. In this sense, we begin doing a brief discussion about racism based on Almeida (2019); in order to discuss the visual analysis, we used mainly the theoretical contributions of Almeida (2009), Kress and van Leeuwen (2006) and Silva and Almeida (2018); to address the theme of the textual genre cartoon, our study was based especially on Alves (2016), Bakhtin (2003), Bazerman (2005), Marcuschi (2008), and Swales (1990). Thus, we proceeded with a qualitative investigation of five cartoons by the illustrator Junião, seeking to verify the representational structures, the narrative processes of action, reactional, verbal and mental, the conceptual processes categorized as classificational, analytical and symbolic; as well as to critically reflect on the contributions of cartoons to the fight against racism. In view of the results obtained, we verified that the narrative structure is present in all of the cartoons, while the conceptual structure is present in only two. Regarding the processes, we identified the narrative processes of action, reactional, and verbal; as we found only the conceptual classificational process. That said, we conclude that cartoons are critical genres and, in the researched *corpus*, they show and denounce racist practices that are naturalized in our society.

Keywords: GVD. Representational metafunction. Cartoon. Racism.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante da vasta contribuição de teóricos à semiótica social, destacamos a Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e van Leeuwen (2006). Essa teoria preocupa-se em investigar as estruturas imagéticas, defendendo que as imagens são construídas a partir da composição sistemática de vários elementos com o intuito de comunicar algo. É importante destacar que os objetos, lugares e pessoas presentes nas imagens recebem o nome de participantes representados. A GDV foi pensada a partir da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1985), organizando-se em metafunções representacionais, interativas e composicionais.

A metafunção representacional consiste do elo estabelecido entres os participantes representados em uma imagem, considerando somente os elementos que lhes são internos. Já a metafunção interativa diz respeito à relação entre o leitor e a imagem. No que concerne à metafunção composicional, entendemos que ela se ocupa em apontar como os elementos que a constituem se organizam de modo

coerente. Essa metafunção engloba, pois, os aspectos referentes às metafunções anteriores.

À vista disso, importa ao presente estudo investigar a metafunção representacional que se realiza por meio das estruturas narrativas e conceituais, cada qual possuindo alguns processos característicos. Desse modo, o propósito deste artigo³ é analisar a metafunção representacional em charges que retratam o racismo. De modo específico, buscamos: a) verificar qual estrutura se faz presente, se narrativa e/ou conceitual; b) identificar os tipos de processos narrativos e/ou conceituais existentes nas charges analisadas; c) apontar como charges podem contribuir para uma reflexão crítica acerca do racismo.

Para tanto, analisamos algumas charges desenvolvidas pelo chargista e ilustrador Antonio Junião Junior, conhecido pelo nome Junião. No que tange ao embasamento teórico, iniciamos com a discussão da temática racismo a partir das considerações de Almeida (2019), principalmente. Utilizamos as contribuições de Almeida (2009), Kress e van Leeuwen (2006), Silva e Almeida (2018), entre outros, para tratar da análise visual. No que concerne ao gênero charge, compartilhamos das reflexões de Alves (2016) e Miani (2012). É relevante apontar, ainda, que para abordar os gêneros textuais de modo geral, acolhemos os estudos de Bakhtin (2003), Bazerman (2005), Marcuschi (2008) e Swales (1990).

Acerca da metodologia empregada, primeiramente, montamos um *corpus* composto por cinco charges que discutem sobre o racismo. Em seguida, procedemos com uma análise qualitativa, observando os aspectos pertinentes à metafunção representacional, classificando o objeto em estrutura narrativa e/ou conceitual. A partir disso, identificamos quais processos estão presentes. Por fim, ponderamos acerca da contribuição do gênero textual charge para uma reflexão crítica sobre o racismo.

Deste modo, destacamos que este artigo está organizado da seguinte forma: iniciamos com a fundamentação teórica que se subdivide entre a temática do racismo, Gramática do Design Visual e gênero textual charge. Em seguida, apontamos os procedimentos metodológicos, os resultados e conclusão. Indicamos, por fim, as referências utilizadas no embasamento deste estudo.

2 RACISMO

Antes de adentrarmos na discussão sobre o racismo, é importante compreender o que significa o vocábulo *raça*. Este termo sempre esteve associado com a categorização de plantas e animais, porém, no século XVI, passou também a ser atribuído aos seres humanos (MENDES, 2012). É importante frisar que o termo em questão se relaciona com a história. Assim, entendemos que “por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, 2019, p. 18).

De acordo com Almeida (2019), a constituição do europeu como modelo de padronização social se deu a partir da conjuntura econômica e política do Mercantilismo e Renascentismo. Todas as culturas distintas daquela passaram a serem vistas como menos desenvolvidas. Com a chegada do Iluminismo, no século XVIII, a percepção sobre o homem se modifica, ele tanto é visto como ser pensante como também é o objeto de estudo da filosofia da época. O homem passa a ser

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

observado diante as suas diversas constituições. O Iluminismo abre caminho para comparar e, depois, classificar as pessoas segundo os aspectos físicos e culturais. Mais tarde, essa classificação leva à lastimável distinção entre civilizados e não civilizados.

Nesse sentido, Almeida (2019) completa que a nomenclatura *raça*, historicamente, pode ser aprendida como uma designação aos traços biológicos (cor de pele é um exemplo) e/ou relacionada aos aspectos advindos da etnia e da cultura (caso da língua de um povo, por exemplo). Apesar de que nos dias atuais seja de conhecimento de que não há razões biológicas ou culturais que fundamentem a discriminação racial entre pessoas, a *raça* ocupa uma condição política que é usada para validar esse tipo de prática (ALMEIDA, 2019).

Passemos agora à discussão do racismo, sendo importante distinguir de outros dois termos próximos: preconceito e discriminação. O racismo é uma prática *“sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”* (ALMEIDA, 2019, p. 22, [grifo do autor]). O preconceito racial, por seu turno, diz respeito ao julgamento de alguém com base nas características que são acreditadas pertencerem a dada raça. Essa prática pode culminar em discriminação ou não. Exemplo disso, é o pensamento de que toda mulher negra domina a atividade de trançar cabelos. Já a discriminação racial refere-se à consideração dessemelhante a dada pessoa em decorrência de ela pertencer a um grupo que é marcado racialmente.

No que concerne à discriminação racial, esta ainda pode ser classificada em direta e indireta. A discriminação direta é a aversão notória a um indivíduo pelo fato de ele ser de uma comunidade racial específica. Como exemplo, podemos salientar a proibição da entrada de alguém em dada loja em decorrência de sua raça. A discriminação indireta, por sua vez, é quando a discriminação racial ocorre como resultado de uma ação neutra, também chamada de impacto adverso. Por exemplo, quando em uma empresa, um dos quesitos para contratação é ter boa aparência e isso é compreendido como em ter pele clara, cabelos lisos e se desconsidera a admissão de uma pessoa que não se encaixa nesse modelo padrão, temos um caso de discriminação indireta (ALMEIDA, 2019).

Segundo o mesmo autor, existe três concepções acerca do racismo. São estas: individualista, institucional e estrutural. O racismo individual é a prática resultante de um distúrbio ético e moral de uma pessoa específica. O racismo institucional, por sua vez, define-se como *“resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”* (ALMEIDA, 2019, p. 26). À vista disso, compreendemos que instituições configuram meios de normalização dos sistemas da(s) sociedade(s) (HIRSCH, 2007) e possuem o poder como algo primordial para que o racismo, assim, ocorra.

O racismo estrutural, por seu turno, é mais abrangente, posto que percebe esse problema como inerente ao tecido social. Nesse sentido, compreendemos que as instituições, por exemplo, não criam o racismo, apenas o reproduzem, visto que a própria sociedade é racista. A estrutura é, pois, a *“ordem social”* de uma sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 31). Dentro da estrutura social, temos conflitos e consentimentos. O conflito pode servir para o estabelecimento de lutas contra as práticas racistas, já o consenso contribui para a normalização dessas práticas. Assim, quando um governo, por exemplo, não admite práticas de desencorajamento ou

desacredita do racismo, ele contribui para a manutenção do poder do grupo já privilegiado e para a naturalização do racismo.

É sabido que o Brasil se constituiu por meio da miscigenação de povos de vários outros países. No entanto, a motivação da imigração de portugueses, ingleses, alemães e italianos, por exemplo, difere da motivação africana. À medida que os europeus vieram *conquistar*⁴ e trabalhar no novo mundo, as pessoas advindas do continente africano foram capturadas, escravizadas, tratadas como não civilizadas, menos dignas de humanidade e submetidas ao trabalho forçado.

À vista disso, ainda que se reconheça na atualidade que o Brasil é um país plural no que tange a cultura e os povos envolvidos, salientamos o pensar de Nascimento (1978, p. 92) quando explana “que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes.” Por fim, entendemos que o racismo no Brasil é uma prática estrutural que se faz presente na sociedade, desde a aplicação de discriminações sutis às mais evidentes. A seguir, introduzimos a Gramática do Design Visual, teoria basilar para a condução deste estudo.

3 A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Para início de discussão, é importante destacar que a Teoria da Semiótica Social é uma abordagem de estudo que se interessa em entender como se dá a comunicação humana, tendo em vista o papel dos interlocutores envolvidos, dos diversos significados que podem ser estabelecidos e do contexto sócio-histórico em que os participantes da comunicação se inserem. A semiótica social foi fortalecida pelos estudos funcionalistas encabeçados por Michael Halliday na década de 1970. Em 1996, Kress e van Leeuwen, interessados no estudo do imagético enquanto expressão de comunicação, expandem essa concepção para o estudo de significados estabelecidos pelos signos não verbais com o livro intitulado *Reading images: the grammar of visual design*.

De fato, se pararmos para observar os ambientes à nossa volta, perceberemos que há uma quantidade expressiva de imagens e que estas possuem significados (BARBOSA, 2013). Tendo em vista que os recursos imagéticos também estão inseridos nas práticas sociais, Kress e van Leeuwen (2006) apresentam e consolidam uma abordagem de análise chamada de Gramática do Design Visual (GDV), que consiste no estudo de estruturas visuais.

Ainda que a teoria desenvolvida pelos autores supracitados receba o nome de gramática, é importante explicar que esta não se volta para um entendimento de gramática normativa, mas consiste em recursos que servem para a interpretação de significados em imagens (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

De acordo com Almeida (2009, p. 175), a proposta teórica de Kress e van Leeuwen reflete um estudo consciente de imagens, posto que estas configuram “códigos de significado imbuídos de estruturas sintáticas próprias e dotadas de significado potencial, e não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural.” À vista disso, entendemos que a GDV também serve aos estudos críticos da linguagem e, por isso, é bastante utilizada em parceria com a Análise de Discurso Crítica (ADC).

⁴ Utilizamos o termo *conquistar* nesse parágrafo em alusão às narrativas históricas que em sua maioria reportam a invasão do Brasil como ato heroico de colonização.

A GDV foi pensada a partir das considerações inerentes à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985). Desse modo, é importante entendermos que a LSF proposta por Halliday volta-se para o estudo dos aspectos linguístico-estruturais de acordo com o uso. Para Halliday e Matthiessen (2014), seja na modalidade oral ou escrita, fazemos uso de textos que são construídos segundo um contexto específico. No entendimento da teoria sistêmica-funcional, a linguagem se organiza por meio de estratos e importa a compreensão das metafunções que se referem aos propósitos comunicativos inseridos nas diferentes manifestações verbais.

Nesse sentido, as metafunções categorizam-se em ideacional (referente à representação do mundo físico ou mental), interpessoal (consiste em interações sociais) e textual (relacionado à organização dos textos) (FUZER; CABRAL, 2014). Tendo essas noções da LSF em vista, Kress e van Leeuwen (2006) elaboram uma teoria que se volta não só para o recurso linguísticos, mas para o imagético. Assim, a GDV busca descrever como os mais diversos recursos utilizados nas imagens contribuem para formar o significado, ou seja, a mensagem a ser passada. Nas palavras de seus idealizadores, a GDV consiste em uma:

[...] gramática geral contemporânea do design visual nas culturas 'Ocidentais', um relato de conhecimentos e práticas explícitas e implícitas em torno de um recurso, consistindo em elementos e regras subjacentes a uma forma cultural específica da comunicação ⁵. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 3).

Nesse contexto, Balocco (2005), ao fazer um estudo sobre a perspectiva discursiva-semiótica, afirma que os gêneros textuais não podem ser visualizados somente a nível da linguagem verbal, mas também devem considerar os elementos imagéticos presentes. À vista disso, entendemos que “analisar a forma como a linguagem e elementos visuais articulam-se num texto, funcionando como ancoragens para leituras ideologicamente marcadas” (BALOCCO, 2005, p. 65) também é ponto de discussão favorecido pela GDV.

Tendo isso em consideração, Almeida (2009) reforça que a análise de imagens da GDV permite um olhar desmitificado para a percepção do elemento visual apenas como adereço do texto linguístico, desprovido de significado ideológico. De fato, Kress e van Leeuwen (2006, p. 47) explicam que os significados “são vinculados com os interesses das instituições sociais nas quais as imagens são produzidas, circuladas e lidas.” ⁶

Silva e Almeida (2018, p. 40) explicam que “a modalidade visual compõe seus sentidos por meio de uma sintaxe imagética dentro de um contexto linguístico”. Essa proposição indica que os meios imagéticos possuem nuances próprias que contribuem à formação de significado.

Assim como a LSF, a teoria de Kress e van Leeuwen (2006) também se articula por meio de três metafunções, porém agora, denominadas de metafunções

⁵Todas as traduções são de nossa autoria. No original: *general grammar of contemporary visual design in 'Western' cultures, an account of the explicit and implicit knowledge and practices around a resource, consisting of the elements and rules underlying a culture-specific form of visual communication.*

⁶ No original: *are bound up with the interests of the social institutions within which the images are produced, circulated and read.*

visuais. São estas: representacional, interativa e composicional. A metafunção representacional consiste na relação existente entre os participantes da própria imagem. Eles podem ser entendidos como participantes interativos ou representados. No tocante à metafunção interativa, compreendemos que se refere à relação entre o interlocutor que aprecia a imagem e a imagem em si. No que tange à metafunção composicional, é entendido que esta abrange a relação de integração das outras metafunções para condicionar a harmonização das informações existentes na imagem de forma coerente (BARBOSA, 2013).

Para Silva (2016, p. 56), “nenhum sinal ou código, seja ele verbal ou não, pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem.” Para melhor compreendermos, apresentamos o Quadro 1 que contém um resumo das categorias e subcategorias analíticas da GDV.

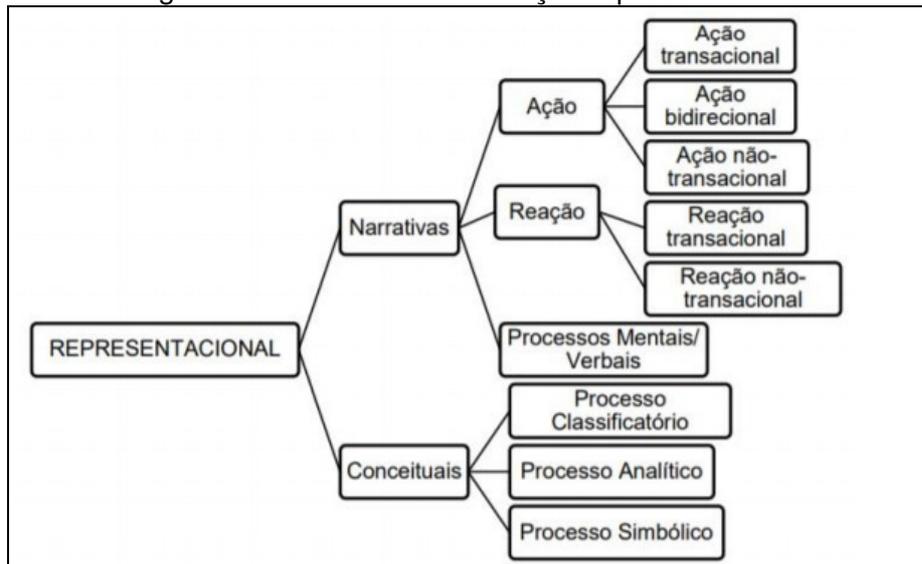
Quadro 1 - Resumo da GDV

Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006)		
Metafunções	Categoria	Subcategoria
Representacional	Narrativa	Ação, reação, verbal e mental.
	Conceitual	Classificacional, simbólico, analítico.
Interativa	Contato	Demanda e oferta.
	Distância	Planos fechado, aberto e médio.
	Perspectiva	Ângulos frontal, oblíquo e vertical.
	Modalidade	Naturalista, sensoriais, científica e abstrata.
Composicional	Valor informativo	Esquerda (dado)/direita (novo), topo (ideal)/base (real), centro/margem.
	Enquadramento	Forte, fraco.
	Saliência	Tamanho, cor/contraste, plano de fundo.

Fonte: Adaptado de Silva (2016).

Tendo em vista o recorte do estudo proposto neste artigo, tecemos algumas reflexões acerca da metafunção visual representacional e seus desdobramentos. Com o intuito de sumarizar visualmente as informações a serem apresentadas, com base no estudo de Oliveira (2019) que se inspirou na teoria de Kress e van Leeuwen (2006), apontamos um esquema que resume as principais subdivisões dentro da metafunção visual representativa na Figura 1.

Figura 1 - Resumo da metafunção representacional



Fonte: Oliveira (2019, p. 35).

A metafunção representacional, segundo Kress e van Leeuwen (2006), diz respeito à dinâmica dos participantes da imagem, configurando as possibilidades de significações que podemos construir em dado recurso imagético. À vista disso, o significado representacional considera os aspectos internos que compõem a imagem, não levando em consideração aquilo que é externo a ela. Esses participantes podem ser pessoas, objetos ou lugares. A metafunção representacional é classificada em estruturas narrativas e conceituais, e sobre elas discorreremos a seguir.

A estrutura narrativa pode ser identificada por meio da relação espacial que os participantes ocupam na imagem. Nas palavras de Almeida (2009, p. 179), “os processos narrativos representam os participantes visuais em movimento(s) de ação, em termos de feitos e acontecimentos dinâmicos.” O indicativo de ação expresso pelos participantes é denominado de vetor. Desta forma, a classificação da estrutura representacional se dá pela observação das ações estabelecidas pelos participantes e sobre eles. A partir dos vetores e participantes existentes na imagem, a estrutura narrativa se classifica em quatro tipos de processos distintos. São estes: processos de ação, processos de reação, processos mentais e processos verbais.

Para entender esses processos da estrutura narrativa, é importante observar os participantes que, por sua vez, podem ser chamados de: ator/reator, meta/fenômeno; dizente/enunciado; e ainda de experienciador/fenômeno (ALMEIDA, 2009). Passemos agora a comentar as especificidades de cada processo.

Com relação aos processos de ação, é importante salientar que eles podem ser categorizados em transacionais, bidirecionais e não-transacionais. Nos processos de ação transacionais, há a presença do ator, que é o participante que performa a ação, do vetor, que é o indicativo da ação, e da meta, que é o participante que recebe a ação. Nesse sentido, nas ações transacionais, os participantes também podem assumir o papel de ator e de meta intercaladamente. Quando isso acontece a estrutura deixa de ser transacional e passa a ser classificada como bidirecional. Nos processos não-transacionais, por outro lado, temos apenas um participante (ator) e um vetor, não existindo um objeto a ser direcionado, ou seja, não há meta.

No que tange ao segundo processo, dá-se o nome de processo de reação quando a ação parte do olhar do participante da imagem, que passa a ser chamado de reator e não mais de ator. O objeto de seu olhar, por sua vez, recebe o nome de

fenômeno. À vista disso, quando o fenômeno é reconhecido na imagem, temos um processo de reação transacional. Quando contrário, recebe o nome de não-transacional. (ALMEIDA, 2009).

Os processos narrativos verbais podem ser identificados a partir da fala dos participantes da imagem que é expressa pelo uso de balões de fala. Desta forma, o participante é denominado de dizente e sua fala de enunciado. Dentre os processos narrativos, temos, por fim, os processos mentais. Esses processos são indicados pela presença de balões de pensamento. Logo, o participante que realiza a ação de reflexão é chamado de experienciador e o pensamento em si é denominado de fenômeno (SILVA; ALMEIDA, 2018).

No que concerne aos processos conceituais, eles “representam participantes de maneira mais estática, na medida em que não possuem ações expressas por vetores” (ALMEIDA, 2019). Deste modo, o que está em perspectiva não é mais a ação expressa pelos participantes, mas as suas identidades e características atribuídas. Como sugerido pelo nome, os processos conceituais designam uma significação do participante em relação aos outros elementos que compõem a imagem. Esses processos classificam-se em três: classificacional, simbólico e analítico.

Os processos conceituais classificacionais dizem respeito à classificação taxonômica dos objetos presentes na imagem. Os participantes são, pois, exibidos como pertencentes a uma categoria específica. Nesse sentido, a relação estabelecida entre os participantes é hierárquica, havendo aquele que é subordinado(s) e superordinado(s). Almeida (2009) acrescenta ainda que quando essa relação entre subordinado e superordinado não é explícita, a estrutura é denominada de coberta, quando contrário, denomina-se enquanto evidente.

Os processos conceituais simbólicos, por sua vez, apontam as características identitárias dos participantes da imagem por meio de simbolismos (ALMEIDA, 2009). Nesse contexto, o participante recebe atributos que destacam seu significado, como por meio do uso de iluminação e tamanho, por exemplo. Temos, então, o portador que é o participante da imagem e seus atributos classificados em atributivos e sugestivos. Os processos simbólicos atributivos são aqueles que fazem uso de recursos extra imagem para salientar o portador. Já os sugestivos, segundo Oliveira (2019, p. 34), “são aqueles que possuem apenas o portador, sem atributos, apresentado de maneira menos detalhada, com menos foco e iluminação”.

Os processos conceituais analíticos tomam a relação da parte com o todo. Para Almeida (2009), o todo na imagem recebe o nome de portador e as partes tratam dos atributos possessivos. Oliveira (2019, p. 32-33) resume essa relação afirmando que “no processo analítico observamos como uma parte de um objeto é selecionada na imagem para que o leitor faça associação e interpretação a partir dessa parte.” Nesse sentido, entendemos que o idealizador da imagem salienta alguma parte dela, possibilitando interpretações.

É importante destacar que as interpretações podem variar dependendo da leitura realizada pelo leitor da imagem, que pode notar primeiro as partes e depois o todo, assim como o oposto também pode acontecer. Os processos conceituais analíticos podem ser classificados em estruturado e desestruturado. Recebe o nome de estruturada quando a imagem apresenta uma descrição da parte salientada pelo produtor imagético. Por outro lado, será denominada de desestruturada quando não conferir nenhuma relação entre a parte e o todo (ALMEIDA, 2009).

Deste modo, entendemos que a estrutura representacional é uma metafunção válida à leitura e à interpretação de imagens, posto que oferece meios de identificar

elementos próprios da composição imagética que permitem sua análise interna. Tendo em vista que neste estudo nos voltamos a investigar charges, apresentamos a seguir uma discussão voltada a esse gênero textual.

4 GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Os estudos que tomam os gêneros textuais como objeto de reflexão são diversos (ANTUNES, 2003, 2009; BAZERMAN, 2005; MARCUSCHI, 2008; SWALES, 1990). De fato, isso se dá pelo caráter urgente de investigação que os gêneros possuem por viabilizarem a comunicação. Acerca disso, Bakhtin (2003) afirma que todas as atividades que realizamos ocorrem por meio do emprego da linguagem. Com o objetivo de explanar melhor esse assunto, dedicamo-nos nesta seção a apresentar breves considerações sobre os gêneros textuais, principalmente no que tange às charges, objeto de análise do presente artigo.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso, termo específico adotado pelo teórico, consistem em “tipos relativamente estáveis de enunciados” que se voltam tanto para a modalidade escrita como para a oral. À vista disso, entendemos que nossa comunicação é fluida e se modifica conforme a necessidade comunicativa que temos, dos participantes envolvidos, da formalidade aplicada, entre outras razões.

Segundo o entendimento de Swales (1990, p. 58), que possui uma perspectiva de estudo voltada para o meio profissional e acadêmico, os gêneros textuais podem ser compreendidos como “uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham de um conjunto de propósitos comunicativos⁷”. Isso implica dizer que os gêneros se constituem a partir de aspectos histórico-culturais, movidos pelas necessidades dos participantes da comunidade discursiva. O autor reforça a compreensão de que os seres humanos se organizam em sociedade por meio dos vastos exemplares de gêneros.

Para Bazerman (2005), os gêneros surgem nas atividades diárias mais simples e estão igualmente presentes nas atividades mais complexas. No dia a dia das pessoas, há uma possibilidade de cadeias de gêneros que se relacionam ou, até mesmo, se divorciam, muito embora cada qual tenha sua função estabelecida em decorrência das necessidades do indivíduo.

Consonante a isso, Koch e Elias (2014) chamam de competência metagenérica ao conjunto de conhecimentos a respeito dos gêneros textuais, da forma que eles surgem e a função que desempenham. Essa competência que as pessoas possuem permite que percebam os mais diversos textos e os produzam adequadamente, o que indica outra capacidade, a metatextual.

Outro aspecto importante a ser frisado é o domínio discursivo proposto por Marcuschi (2008). Esse autor compreende que os gêneros que produzimos estão inseridos em campos. Cada campo requer e realiza diferentes textos que lhes são próprios. Nesse sentido, temos o domínio jornalístico, publicístico, científico, cotidiano, entre outros. Com base nessas informações, tratamos agora especificamente do gênero charge, cerne deste estudo.

O gênero charge pertence ao domínio jornalístico e circula em diferentes mídias, desde a mídia impressa à virtual, que em decorrência do desenvolvimento tecnológico-digital se torna cada vez mais presente no meio social. A charge é um

⁷ No original: *a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes.*

gênero predominantemente tipificado pela sátira e crítica. Sua interpretação depende de um leitor situado aos acontecimentos e situações da atualidade, posto que dispõem sobre os mais variados assuntos, como política e notícias recentes, por exemplo. (ALVES, 2016).

Para Alves (2016), as charges apresentam discursos por meio da junção de recursos linguísticos e não verbais. Composicionalmente, as ilustrações se apresentam em um só quadro, mas é possível seu desenvolvimento em mais de um. O aspecto central em uma charge é a crítica expressa pelo chargista, logo o enfoque desse gênero textual dependerá ideologicamente do sujeito que o cria e, conseqüentemente, da mídia pela qual se associa e divulga suas produções. Nesse sentido, a autora aponta que as charges são “textos que podem ser usados para denunciar e criticar as mais diversas situações do cotidiano relacionadas com a política e a sociedade.” (ALVES, 2016, p. 41).

Considerando os aspectos composicionais desse gênero, Miani (2012, p. 39) reforça que “a charge é utilizada na sátira política como instrumento de crítica e arma retórica de combate, bem como na defesa e divulgação de ideologias, princípios e programas políticos.” À vista disso, destacamos que a charge é um texto de cunho político e social que, por se ocupar de satirizar o contexto atual em que as pessoas se inserem, possui um caráter efêmero.

Com base em Miani (2012, p. 39), é possível afirmar que a charge, assim como a caricatura e as histórias em quadrinhos, pertence à “modalidade das chamadas linguagens iconográficas”, por apresentarem o imagético como constitutivo do gênero.

Diante dos elementos tratados acerca do gênero em atenção nesta seção, destacamos as questões raciais que também são retratadas nesse exemplar textual. Importa ao presente estudo charges que enfocam o debate de questões raciais, especificamente o tratamento da pessoa negra com discriminação em decorrência da cor da pele. Desta forma, tratamos a seguir de explicar a metodologia empregada para analisar algumas charges, *corpus* deste estudo, que tratam do racismo na sociedade brasileira.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da análise de cinco charges, idealizadas pelo chargista Antonio Junior que adota o nome Junião em suas produções. Todas as charges selecionadas estão disponibilizadas em *website*⁸ administrado pelo próprio artista, onde ele concentra as produções que já foram veiculadas em outros meios, tais como jornais, redes sociais e revistas, por exemplo. O critério utilizado para a composição do *corpus* consistiu em seleção de charges que tratassem da temática racismo.

Este estudo consiste em uma investigação predominantemente qualitativa e interpretativista, em que tomamos por categorias de análise os aparatos teóricos e metodológicos da GDV de Kress e van Leeuwen (2006). Por se tratar de uma abordagem que busca interpretar os mais diversos recursos visuais, a utilizamos para analisar as charges que constituem o *corpus* deste artigo. Com intuito de melhor sistematizar este estudo, rotulamos o *corpus* da charge 1 à charge 5.

⁸ Disponível em: <http://www.juniao.com.br/chargecartum/>

Tendo em vista que a investigação ocorreu por intermédio da GDV, buscamos especificamente analisar a metafunção representacional, que se subdivide em estruturas narrativas e conceituais. Desse modo, após a coleta das charges, tratamos de verificar qual a estrutura que se faz presente. A partir disso, dentro das estruturas, observamos os processos que compõem o material. Diante de nossa leitura de imagens, apresentamos uma reflexão sobre a contribuição do gênero em atenção para a discussão do racismo, que é um problema de ordem social, política e jurídica que ainda se faz presente. A seguir, apresentamos nossas análises e discussão dos dados.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados alcançados a partir do estudo multimodal de charges que abordam o racismo. Ocupamo-nos em realizar uma investigação da metafunção representacional, categoria de análise da GDV. De acordo com os objetivos propostos, iniciamos classificando o *corpus* segundo a estrutura representativa, se narrativa e/ou conceitual. Depois, voltamo-nos a indicar os processos que se fazem presente em cada charge. Para fins de reflexão, tecemos algumas considerações sobre a relevância desse gênero textual para a luta contra o racismo.

Na figura 2, temos a primeira charge selecionada do *website* do ilustrador Junião. Nela, entendemos que se trata de uma abordagem de uma pessoa negra por um policial branco, que declara que a situação se dá em decorrência da semelhança física do cidadão com um ladrão. A charge, como um gênero de cunho crítico, denuncia essa prática de preconceito e discriminação racial que o negro frequentemente sofre em nossa sociedade.

Figura 2 - Charge 1



Fonte: JUNIÃO JR, A. [sem título]. 2015, Charge.
Disponível em: <https://url.gratis/H52zFv>. Acesso em: 30 set. 2021.

O gênero ainda debate a naturalização do discurso utilizado pelo policial ilustrado, que argumenta que sua atitude não é racista. Quando, de fato, sabemos que há um estereótipo sobre o negro ser tachado como bandido em decorrência de as características físicas e cor de pele, principalmente. De acordo com Almeida (2019), inferimos que o preconceito racial culmina na prática do racismo.

No que concerne a análise visual representativa, percebemos que se trata de uma estrutura narrativa por apresentar “desdobramento de ações e eventos⁹” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 79). Nela, percebemos a existência de participantes e vetores. Temos, no caso, dois participantes em evidência, o policial e o cidadão negro abordado. Por vetor, podemos entender que a ação se dá pelo direcionamento do olhar dos participantes e, justamente por isso, compreendemos que se trata de o processo de reação. Como já discutido anteriormente, esse processo de reação envolve reator (participante), vetor (indicado pelo olhar dos reatores) e quando o objeto da atenção se encontra na imagem, temos o fenômeno (OLIVEIRA, 2019). Nesse sentido, a charge apresenta reator e fenômeno, já que há o policial que direciona seu olhar diretamente para o rapaz que se encontra dentro do carro. Assim, temos um processo de reação transacional.

Outro processo narrativo que também pode ser identificado na charge é o processo verbal. Esse processo é sugerido a partir da fala do policial. De acordo com esse processo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), o policial passa a ser chamado de dizente e o conteúdo de sua fala de enunciado. A partir do enunciado presente na charge, entendemos que ela denuncia uma concepção racista que se enraíza na sociedade, de que existe um estereótipo sobre quem pode ser considerado bandido, o qual, na maioria das vezes, é indicado por uma pessoa negra. Logo, o preconceito racial permite que a discriminação racial ocorra, já que o homem no carro é tratado de forma diferenciada pelo simples fato de ter a cor de pele preta.

A mesma charge também pode ser percebida a partir de uma estrutura conceitual. Vimos que essa estrutura “representa o mundo em seu estado mais ou menos permanente de questões ou verdades generalizadas¹⁰” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 109). Dentre essa estrutura, constatamos o processo classificacional, na qual há a expressão de uma hierarquia entre o policial, que é o participante superordinado, e o jovem negro que é o subordinado. Por ser uma relação de poder notória, temos uma estrutura evidente.

Na charge 2, é possível observarmos a representação de uma criança e dois adultos negros, aparentemente pertencentes à mesma família. Nessa charge, podemos classificá-la em estrutura narrativa se focarmos nos vetores, mas também cabe uma interpretação conceitual, caso atentemos para a composição identitária dos participantes. Isso é factível devido à observação de que “a descrição de quem é o participante enquanto representação de classe, estrutura ou significação em relação aos demais elementos da composição” (SILVA; ALMEIDA, 2018, p. 47).

Dentro da estrutura narrativa, podemos notar a presença de vetores de ação nos braços dos atores, por se tratar de um processo de ação. O braço da criança acenando para o pai indica o vetor, o pai aqui se constitui como meta. Visto que, na imagem, o pai acena de volta, ele passa a ser ator e a criança se torna a meta, qualificando um processo de ação bidirecional.

⁹ No original: *unfolding actions and events*

¹⁰ No original: *they represent the world in terms of more or less permanent states of affairs or general truths.*

Figura 3 - Charge 2



Fonte: JUNIÃO JR, A. [sem título]. 2014, Charge.
Disponível em: <https://url.gratis/c9vnew>. Acesso em: 30 set. 2021.

Ainda na estrutura narrativa, a charge também apresenta um indicativo de ação através da linha do olhar dos participantes, o que contribui para a identificação de outro processo, o de reação. Nesse processo, temos reator, vetor e fenômeno presentes na charge, o que configura uma reação transacional. O gênero também aponta as falas de dois participantes, designando, assim, um processo verbal. A partir dele, é possível entendermos a crítica trazida para reflexão sobre o fato de as pessoas negras serem alvos comuns de prisões sem a devida justificativa.

Já numa perspectiva estática, observamos a estrutura conceitual que nos convida a observar os atributos na imagem existente. A partir dela, encontramos o processo classificacional, que intenciona trazer evidência para a simetria entre os participantes. Esses participantes são indicados por meio de uma classificação explícita, já que “há a presença de legenda para classificar os elementos em um grupo determinado” (OLIVEIRA, 2019, p. 32). A legenda consiste da frase *cenas do cotidiano*, o que sugere que a situação retratada faz parte do dia a dia da pessoa negra. Nessa charge, todos os participantes são subordinados ao sistema implícito denunciado.

Observemos a figura 4. Nela, dispomos de uma estrutura narrativa, em que temos atores e vetores de ação. Diante das especificidades dessa estrutura, identificamos três processos: ação, reação e processo verbal (SILVA; ALMEIDA, 2018). O processo de ação é indicado pela ação sugerida pelos braços dos atores, ou seja, das duas mulheres, uma branca e outra negra. Ambas acenam para seus filhos que não são mostrados na imagem, não exibindo, pois, a meta. Por essa razão, entendemos que é um processo de ação não-transacional. O processo de reação é indicado pelo vetor existente no olhar dos reatores e o fenômeno que não é exibido, configurando um processo de reação não transacional.

Figura 4 - Charge 3



Fonte: JUNIÃO JR, A. [sem título]. 2017, Charge.
Disponível em: <https://url.gratis/lbQDJw>. Acesso em: 30 set. 2021.

O processo verbal, por seu turno, é indicado pela fala das duas mulheres. Ambas se despedem de seus filhos que saem para o trabalho, a diferença é que a mulher branca aconselha o retorno breve de seu filho, ao passo que a mulher negra pede que o filho apenas retorne vivo. Essa declaração aponta a insegurança e o medo que a população negra sente ao sair de casa, já que muitos não conseguem voltar para seus lares ilesos ao sistema racista. Acerca disso, Almeida (2019, p. 31) já frisava que “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos.”

A figura 5 apresenta uma charge constituída de uma estrutura narrativa, já que observamos a presença de ações. À vista disso, percebemos novamente os processos recorrentes nas charges anteriores, que são: processos de ação, reação e verbal.

Figura 5 - Charge 4



Fonte: JUNIÃO JR, A. [sem título]. c2021, Charge.
Disponível em: <https://url.gratis/OkPtVC>. Acesso em: 30 set. 2021.

O processo de ação é indicado pelo vetor sugerido pelo braço que aponta de forma acusativa para o menino negro, que, no caso, é a meta, sendo um processo transacional por possuir ator, vetor e meta. Percebemos, ainda, vetores no olhar dos participantes da imagem, o que qualifica o processo de reação. Os meninos que olham fixamente para a pessoa branca, não completamente exibida na imagem, são os reatores. Devido ao fenômeno não ser exibido por inteiro na imagem, se trata de um processo de reação não-transacional. Temos ainda na charge, a presença da fala (enunciado) da pessoa branca (dizente) que acusa somente o menino negro. Na fala, o dizente afirma que não tem certeza, mas que considera o menino acusado como culpado de algum delito.

A partir da análise visual da estrutura narrativa que compõe essa charge, visualizamos que os meninos representados na imagem estão em uma delegacia, na posição de suspeitos. Os dois meninos brancos não estão intimidados, já que continuam com os braços abaixados. Já o menino negro se encontra com uma postura de assustado, com as mãos levantadas, sendo o único acusado como culpado ainda que seu acusador admita não ter certeza de seu crime. Essa representação denuncia que as pessoas negras sofrem preconceito e discriminação racial e são, frequentemente, vistas como criminosas.

A última charge contemplada em nosso estudo, charge 5, apresenta somente a estrutura narrativa. A partir disso, notamos dois processos: de reação e verbal.

Figura 6 - Charge 5



Fonte: JUNIÃO JR, A. [sem título]. 2017, Charge.

Disponível em: <https://url.gratis/OkPtVC>. Acesso em 30 set. 2021.

O processo de reação é indicado pela ação expressa no olhar dos reatores que olham para uma manchete de jornal afixada em uma banca. Essa manchete é o fenômeno. Por ter reatores, vetor e fenômeno é uma reação transacional. O processo verbal, por sua vez, é identificado porque a charge também acrescenta a fala (enunciado) dos dizentes da imagem que conversam casualmente sobre o assassinato de jovens negros no estado do Espírito Santo. Os participantes são dois homens negros que caminham pela rua, aparentando estarem entediados e não surpresos com a quantidade de vítimas fatais noticiada, sendo elas na maioria jovens negros.

Para Bakhtin (2003), a linguagem é ideológica. Nesse sentido, compreendemos que as charges também o são. Considerando que esse gênero tem “o objetivo de ilustrar e/ou apresentar uma opinião a respeito de determinado acontecimento histórico” (MIANI, 2012 p. 39), entendemos que o *corpus* aqui estudado se volta para a crítica ao sistema em que estamos inseridos, pelo qual a pessoa negra sofre com o racismo e a violência. Através das charges, vemos que o autor critica e denuncia as práticas racistas que estão naturalizadas na sociedade. Deste modo, as charges são gêneros que contribuem para a visualização dessas práticas tão frequentes e permitem uma reflexão crítica de como estamos estruturalmente moldados.

É importante destacar que, na maioria das charges analisadas, vemos a insistência do chargista em denunciar e criticar o tratamento policial recebido pelos negros. Sabemos que a discriminação racial que resulta em práticas racistas “tem como requisito fundamental o poder” (ALMEIDA, 2019, p. 23). Nas charges analisadas, esse poder está na força policial, responsável por manter a ordem na sociedade, porém usa esse poder em excesso, de modo a desprivilegiar a população negra por ser pertencente ao grupo racial na qual está inserida.

Desta forma, as charges contribuem para a reflexão acerca da naturalização de práticas racistas em nossa sociedade e se faz importante lembrar da assertiva de Almeida (2019, p. 33) de que “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares”. São essas naturalizações que precisam ser combatidas e que são abordadas nas charges analisadas. A seguir, apresentamos as considerações finais deste artigo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gramática do Design Visual (GDV) é uma teoria que se volta para o estudo do texto não verbal. Ela considera as imagens como portadoras de significados que estão inseridos em práticas sociais, políticas e culturais. A GDV proposta por Kress e van Leeuwen, na década de 90, viabilizou a potencialização das investigações multimodais por inserir não só uma teoria, mas também os recursos metodológicos necessários para a leitura de imagens (ALMEIDA, 2009).

Assim como a LSF, a GDV dispõe de metafunções que são chamadas de representativas, interativas e composicionais. Conforme estudado, essas metafunções são “representações de significado [que] operam simultaneamente em toda imagem, construindo padrões de experiência, interação social e posições ideológicas, a partir das escolhas de qual realidade está sendo representada” (SILVA; ALMEIDA, 2018, p. 44).

Tendo em vista os estudos multimodais, entendemos que há diferentes dispositivos e recursos para a construção de significados. É importante frisar que a linguagem se faz presente em toda e qualquer atividade desenvolvida pelas pessoas. Levando isso em consideração, Bakhtin (2003) afirma que a comunicação se dá por meio da utilização de enunciados que se materializam por intermédio dos gêneros do discurso. Assim, o estudo da modalidade visual contribui para a leitura e interpretação dos mais diversos gêneros textuais que possuem recursos imagéticos em sua composição, caso do gênero charge, objeto de estudo no presente trabalho.

Neste artigo, concentramos nossa investigação na análise da metafunção representacional em charges que abordam a temática do racismo a partir do aparato

teórico e metodológico da GDV. Para tanto, estudamos cinco produções do chargista Junião, disponíveis em *website* profissional do próprio ilustrador.

Diante de nossos resultados, percebemos que a charge 1 e 2 são constituídas de duas estruturas, narrativas e conceituais. Ao passo que, as charges 3, 4 e 5 apresentam somente a estrutura narrativa. Com isso, alcançamos nosso primeiro objetivo específico, que consistia em verificar qual estrutura se fazia presente no *corpus* pesquisado.

No que tange aos tipos de processos narrativos e/ou conceituais, que se direcionam ao segundo objetivo deste estudo, identificamos que a charge 1 apresenta os processos narrativos de reação e verbal, assim como o processo conceitual classificacional. A charge 2, por sua vez, apresenta os processos narrativos de ação, reação e verbal, bem como o processo conceitual classificacional. As charges 3 e 4 apresentam os processos narrativos de ação, reação e verbal. Por fim, a charge 5 contempla somente os processos narrativos de reação e verbal. Desse modo, inferimos que as charges analisadas são construídas predominantemente de processos de ação, reação e verbal. Da estrutura narrativa, não encontramos nem um exemplar de processo mental. No que concerne à estrutura conceitual, vimos que, nas charges, há somente o processo classificacional, não apresentando processos analíticos ou simbólicos.

A partir de nossas análises, entendemos que a charge é um gênero que contribui para a reflexão acerca de práticas racistas, muitas delas naturalizadas em nossa sociedade. Segundo Miani (2012, p. 39), a charge “é a revelação e defesa de uma ideia, portanto, de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração.” Desta forma, é importante compreendermos que o *corpus* deste estudo traz uma crítica ao sistema em que vivemos. Com isso, chegamos ao nosso último objetivo específico, que buscava apontar como charges podem contribuir para uma reflexão crítica acerca do racismo.

Isto posto, entendemos que a Gramática do Design Visual possibilita uma interpretação multimodal crítica de gêneros diversos. Quanto às charges, elas são recursos importantes, já que refletem sobre os acontecimentos recentes à nossa volta. À vista disso, o racismo lamentavelmente se faz presente em nosso dia a dia, sendo importante o debate dessa questão para que seja superada. Propomos, por fim, o desenvolvimento de outros estudos que tomem a GDV como aporte teórico para o estudo das outras metafunções visuais no *corpus* aqui delimitado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins. Do texto às imagens: as novas fronteiras do letramento visual. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCCA, Pilar (org.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Jucelma Sacramento. **Texto humorístico**: por uma leitura além do riso. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé Costa. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In:* BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BALOCCO, Ana Elizabeth. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional. *In:* MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 65-80.

BARBOSA, José Roberto Alves. **Linguística: outra tradução.** Mossoró: Queima Bucha, 2013.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. *In:* HOFFNAGEL, Judith Chambliss; DIONÍSIO, Ângela Paiva (org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

HALLIDAY, Michael. **An Introduction to Functional Grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday's introduction to functional grammar.** 4. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2014.

HIRSCH, Joachim. Forma política, instituições políticas e Estado – I. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 1, n. 24, p. 9-36, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design.** 2. ed. London: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, Maria Manuela. Raça e racismo: controvérsias e ambiguidades. **Revista Vivência**, Natal, n. 39, p. 101-123, 2012.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-48, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Renatha Rebouças de. **A representação de Donald Trump na mídia brasileira**: uma análise visual das capas de revistas nacionais. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Monica Maria Pereira da; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico-Funcional. **Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 36-56, 2018.

SWALES, Jonh Malcolm. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.